

A man and a woman are shown in a romantic embrace on a traditional Japanese wooden bridge. The woman is wearing a red floral qipao and high-heeled sandals, while the man is in a dark tuxedo with a white shirt and bow tie. They are surrounded by vibrant cherry blossoms in shades of pink and red. In the background, a traditional Japanese building with a multi-tiered roof is visible. The overall scene is set in a lush, garden-like environment.

H VINGANÇA

MAYA BLAKE
Terramoto de paixões

VICTORIA PARKER
Depois da vingança



VINGANÇA

MAYA BLAKE
Terramoto de paixões

VICTORIA PARKER
Depois da vingança

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2020 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins
Ibérica, S.A.
N.º 62 - junho 2021

© 2013 Maya Blake
Terramoto de paixões
Título original: The Sinful Art of Revenge
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2014 Victoria Parker
Depois da vingança
Título original: The Ultimate Revenge
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português
em 2013 e 2016

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em
vigor, incluindo
os de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi
publicada com a autorização
de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e
situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e
qualquer semelhança

com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), acontecimentos ou situações são pura coincidência.
® Harlequin e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.
® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.
Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1105-060-9

Table of Content

[Créditos](#)

[Terramoto de paixões](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Epílogo](#)

[Depois da vingança](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Epílogo](#)

[Volta](#)

VINGANÇA

MAYA BLAKE

Terramoto de paixões



Capítulo 1

Depois de os convidados se irem embora, a campainha da porta tocou. Reiko, que se tinha sentado para tirar os sapatos, endireitou-se no sofá e franziu o sobrolho.

A campainha voltou a tocar antes que recordasse que dissera ao mordomo que podia ir para casa. Levantou-se com um suspiro e dirigiu-se para o hall. Aquela festa não fora uma boa ideia, não estavam para aquele tipo de gastos. No entanto, Trevor tinha insistido. Para manter as aparências.

Reiko fez uma expressão de desagrado. Sabia muito bem o que era manter as aparências. Era perita nisso. Quando a situação o requeria, como naquela noite, era capaz de sorrir, rir-se e sair airosa de uma conversa espinhosa.

Mas a máscara estava a rachar e ultimamente inclusive o pequeno esforço de se obrigar a sorrir a deixava exausta. E tudo começara quando soubera que andava à procura dela...

Os seus pensamentos travaram quando abriu a porta e um gemido escapou da sua garganta ao ver o homem à frente dela: Damion Fortier.

- De modo que era aqui que te escondias - murmurou ele, - na casa de campo de Trevor Ashton... Perdão, de *sir* Trevor Ashton - corrigiu-se.

A voz profunda e aveludada do visitante inesperado, marcada pelo sotaque francês inconfundível, gotejava satisfação e uma raiva mal contida.

Reiko tinha temido aquele momento desde que soubera que andava à procura dela. Fora por isso que não tinha

permanecido no mesmo sítio durante mais de alguns dias. Uma onda de pânico invadiu-a.

O ar de suprema confiança em si mesmo que exibia não tinha diminuído desde a última vez que o vira.

Damion, sexto barão de Saint Valoire, descendia de uma família francesa aristocrática, media quase dois metros e era incrivelmente atraente, inclusive quando estava furioso, como naquele momento.

O cabelo, castanho e ligeiramente ondulado, roçava-lhe o fato cinzento que usava, mas não lhe dava um aspeto descuidado, nem fora de moda. Os seus ombros largos chamavam a atenção, mas, apesar do seu físico atlético, o que realmente se destacava era a beleza das suas feições.

Reiko, a quem tinham incutido o amor pela arte desde a nascença e que tinha aprendido tudo o que havia a saber sob a tutela do seu falecido avô, era capaz de distinguir uma obra-prima a dez metros de distância. Não fora em vão que escolhera a profissão que escolhera.

Damion Fortier era uma versão de carne e osso do David de Miguel Ângelo, com umas feições de uma beleza tão singular e arrebatadora que atraía todos os olhares. E quanto aos seus olhos, aqueles olhos cinzentos... Recordavam-lhe sempre as nuvens furiosas de tormenta que se formavam antes de começarem a cair raios e trovões.

- Não vais cumprimentar-me sequer?

Reiko inspirou profundamente para tentar acalmar o seu coração e obrigou-se a dar um passo em frente e a estender-lhe a mão.

- Como se supõe que devo chamar-te? *Monsieur* Fortier? Ou talvez prefiras «barão»? Agora que já sei que não te chamas Daniel Fortman, quero saber como deveria dirigir-me a ti.

Em vez de ficar à espera, apertou a mão a Damion.

«Enfrenta os teus fantasmas.» Não era o que lhe dissera o seu psicoterapeuta? Deveria exigir-lhe que lhe devolvesse

o seu dinheiro. Até ao momento, o conselho não lhe tinha servido de nada, pelo contrário, era como se os seus fantasmas se tornassem ainda mais fortes e temíveis.

Uma explosão de calor desbaratou os seus pensamentos quando os dedos de Damion apertaram os seus. Aquele contacto fez aflorar lembranças enterradas no fundo da sua mente e isso fê-la sentir-se ainda mais tensa, mas ignorou-os, desesperada, e pôs a outra mão sobre as de ambos.

Viu surpresa nos olhos de Damion. Tinha aprendido que aquele truque, fazer um movimento audaz, desarmava sempre o adversário o suficiente para poder ver por detrás da fachada, para poder ver a pessoa por debaixo daquela máscara civilizada das aparências.

Reiko pensara que depois de cinco anos teria superado a traição de Damion, mas o simples facto de a recordar fazia com que se sentisse como se estivessem a cravar-lhe uma adaga no coração. Claro que... Como poderia esquecê-lo? Vira o seu avô a definhar diante dos seus olhos pelo que Damion Fortier lhes fizera.

- Porque raios vieste aqui? - perguntou-lhe, largando a sua mão.

Embora não o tivesse convidado a entrar, Damion entrou e fechou a porta atrás dele.

- Não me deste oportunidade de me explicar...

- Quando se supõe que deveria ter deixado que te explicasses? Depois de os teus guarda-costas quase derrubarem a cabana do meu avô porque pensavam que te tinham sequestrado? Ou talvez depois de o teu chefe de segurança ter deixado escapar que não eras um simples empresário, mas Damion Fortier, um membro da nobreza francesa e o homem que estava a arruinar sem piedade o meu avô ao mesmo tempo que se deitava comigo?

Que cega que estivera! E que estúpida que fora por confiar nele!

- O que aconteceu com o teu avô não passou de negócios.

- Não te atrevas a defender-te com os negócios! Tiraste-lhe tudo pelo qual trabalhara, tudo o que lhe importava. E só para engordares a tua conta bancária.

Damion encolheu os ombros.

- Fez um acordo, Reiko. E tomou decisões muito desafortunadas que depois tentou abafar. Pela amizade que tinha com o meu avô, dei-lhe tempo mais do que suficiente para solucionar o problema, mas não o fez e se mantive a minha identidade em segredo foi porque não queria que os sentimentos complicassem as coisas.

- É óbvio. Os sentimentos são muito inconvenientes quando se trata de fazer dinheiro, não é assim? Sabias que o meu avô morreu apenas um mês depois de o deixares na bancarrota?

Apesar dos anos que tinham passado, ela ainda se sentia culpada por não ter sido capaz de ver o que estava a acontecer até ser demasiado tarde. Estava encantada com Damion, fora crédula e pagara-o muito caro.

Os olhos de Damion obscureceram e agarrou-a pelo braço.

- Reiko...

- Importas-te de ir direto ao assunto? - interrompeu-o. - Tenho a certeza de que não andaste a perseguir-me durante semanas só para recordar o passado.

Um passado que nunca teria imaginado que fosse persegui-la inclusive em sonhos, sob a forma de pesadelos angustiantes.

Damion semicerrou os olhos.

- Sabias que estava à tua procura?

Reiko forçou um sorriso.

- É óbvio. Os tipos que mandaste atrás de mim divertiram-me muito. Estiveram a um passo de me apanhar em algumas ocasiões, sobretudo nas Honduras.

- Achas que isto é uma brincadeira?

Reiko sentiu um aperto no coração.

- Não tenho ideia do que é, mas, o quanto antes mo explicares, mais depressa poderás sair da minha vida.

Damion pareceu ficar atónito por um instante e os seus olhos relampejaram enquanto lhe escrutinavam o rosto. Finalmente, apertou os lábios, como se quisesse conter as palavras que estava prestes a pronunciar.

- Preciso de ti.

Reiko olhou aturdida para ele e fez um esforço para não engolir em seco, certa de que ele deduziria como estava nervosa.

- Tu... precisas de mim?

De todas as situações possíveis que imaginara para um possível reencontro com Damion, aquela nem sequer lhe tinha passado pela cabeça. Ao fim e ao cabo, o que podia querer Damion Fortier, quando a usara e depois se desfizera dela como se fosse um trapo?

Damion deslizou a mão pelo seu braço, fazendo com que uma onda de calor a invadissem, e entrelaçou a mão com a dela.

- Deixa que o expresse de outro modo - disse-lhe com aspereza. - Necessito dos teus conhecimentos.

Aquilo estava mais de acordo com o que ela tinha esperado.

- Tem cuidado, Damion. A tua altivez não te faz precisamente simpático e não penso que queiras ir-te embora daqui pensando que fizeste a viagem de Paris até ao sul da Inglaterra em vão. Levaste semanas a encontrar-me, portanto, o mínimo que podes fazer é comportar-te de um modo civilizado comigo, pois talvez da próxima vez não te seja tão fácil encontrar-me.

- Para que isso acontecesse terias de me despistar e perder-te de vista, e não tenho intenção de o fazer. E quanto a comportar-me de um modo civilizado... Tenho de admitir que, de momento, não ocupa precisamente o primeiro lugar da minha lista de prioridades.

A irritação de Reiko não conseguia anular a sobrecarga sensorial que lhe provocava a sua virilidade, a sua proximidade, o aroma da sua loção de barbear, o calor da sua pele morena.

Tentou desesperadamente afastar da mente a lembrança daquela pele contra a sua, de como gostava de vestir a camisa dele ao levantar-se depois de uma noite de paixão.

Uma onda de calor surgiu no seu ventre e expandiu-se por todo o corpo, tentando-a. Um ruído de vidros partidos fê-la dar um salto. Damion arqueou um sobrolho.

- A equipa de cateringue ainda está aqui. Dá-me um instante para lhes dizer que podem ir-se embora. Depois, poderás continuar a ameaçar-me à vontade.

Damion semicerrou os olhos, mas largou-a. Reiko dirigiu-se para a cozinha e não a surpreendeu que Damion a seguisse.

Entregou um cheque ao responsável, agradeceu-lhe e pediu-lhe que ele e o resto dos empregados da agência de cateringue recolhessem as coisas e se fossem embora pela porta de trás.

Em seguida, voltou para a sala, seguida novamente por Damion, enquanto se esforçava para que não lhe notasse a dor que tinha nas ancas e na pélvis. Estava há muito tempo de pé e os sapatos de salto alto eram-lhe muito incómodos desde o acidente.

No entanto, embora estivesse desejosa de subir para o seu quarto, fazer os dolorosos exercícios de alongamento que tinha de fazer todas as noites, tomar um duche e meter-se na cama, ainda tinha de se livrar daquele homem que a seguia como um animal selvagem perigoso. Conduziu-o para o salão, caminhando direita, e virou-se para ele.

- E então? Não vais retomar a imitação perfeita de um ogre com que estavas a presentear-me há pouco? - provocou-o.

Damion esboçou um sorriso triste.

- Quero voltar para o meu hotel de Londres esta noite, portanto, irei direto ao assunto. O meu avô desfez-se de três quadros há quatro anos, pouco depois de a minha avó morrer, e penso que saibas alguma coisa a respeito deles.

O coração de Reiko contraiu-se.

- Talvez.

Damion apertou os dentes e deixou escapar um suspiro cansado.

- Não brinques comigo, Reiko. Sei que foste tu quem negociou a venda.

- Mas brincar é o que fazemos melhor, Daniel! - respondeu-lhe ela. - Fingir ser uma coisa quando na realidade somos outra.

Damion passou uma mão pelo cabelo.

- Olha, surpreendeu-me que o teu avô não me reconhecesse e...

- Tinha a cabeça ocupada com outras coisas, como tentar evitar que lhe tirasses tudo.

Damion assentiu.

- Quando me dei conta, pensei que era melhor que não soubesse.

- E eu? Estávamos juntos há um mês e meio. Tiveste tempo de sobra para me dizer a verdade e não o fizeste.

Porque na realidade nunca lhe tinha importado, porque, conforme parecia, não merecia que fosse sincero com ela apesar de terem dormido juntos.

- Não dramatizes o que houve entre nós, Reiko. Saíste da minha vida como quem muda de camisa. Claro que... Tinhas um incentivo, não era?

- Se te referes ao dinheiro...

- Ao dinheiro e ao homem que me substituiu quando a tua cama ainda estava quente! - exclamou ele, com os dentes apertados.

A vergonha abriu caminho entre o pânico escuro e os sentimentos contrários que a invadiam. De nada lhe serviria dizer-lhe que não tinha motivos para se

envergonhar: defraudara-se e isso era outra coisa que os seus fantasmas nunca a deixariam esquecer.

Embora a vários passos de distância, podia sentir a raiva e o desprezo de Damion, como se as emoções negativas palpitassem no ar.

- Bom, agora que revivemos essas lembranças tão íntimas, que tal passarmos a outros assuntos? - disse-lhe ele com sarcasmo. - Recuperarei um dos quadros que o meu avô vendeu: *Femme de la voile*, mas não consegui dar com os atuais proprietários dos outros dois: *Femme en mer* e *Femme sur plage*. É imperativo que encontre os dois, mas o que tenho mais urgência em recuperar é o *Femme sur plage*.

Reiko pestanejou.

- E também queres recuperar o *Femme en mer*? - murmurou. - Pensava que...

- O que pensavas?

Reiko pensara que Damion queria o maior e mais espetacular dos três quadros, não o mais pequeno, que só um punhado de gente tinha podido ver nos seus cinquenta anos de existência.

- É indiferente. Porque queres recuperá-los?

Damion enfiou uma mão no bolso das calças e uma expressão intrigante atravessou o seu rosto.

- Não te diz respeito.

Não sabia como estava enganado...

- Penso que sim. Quere-los para os exibir na exposição privada na galeria da tua família em Paris na semana que vem. Foi por isso que passaste os últimos meses atrás dos quadros, não foi?

Damion ficou muito quieto.

- Só seis pessoas sabem dessa exposição e ainda nem sequer enviei os convites. Como conseguiste essa informação?

Reiko encolheu os ombros.

- Não tens de te preocupar, não filtrarei a informação a ninguém, nem revelarei as minhas fontes. Na minha profissão, seria um suicídio.

- Pois, será homicídio se não mo disseres.

Reiko ficou quieta, consciente de que, se Damion deixasse cair um pouco a mão esquerda, notaria a cicatriz do seu braço.

- Não seria uma nódoa na história da tua nobre família? Além disso, se me matares, nunca mais voltarás a ver esses quadros que tanto valor têm para ti.

Damion franziu o sobrolho e olhou-a fixamente.

- Não me lembro de há cinco anos seres assim tão maldosa, nem de albergares esse rancor. O que raios te aconteceu?

A pergunta inesperada fez com que o pânico a invadisse novamente. Só Trevor e a sua mãe sabiam o que lhe acontecera. Trevor jamais trairia a confiança que tinha nele e a sua mãe era demasiado egoísta para se preocupar com o seu estado emocional.

Soltou-se de um puxão, dando um passo atrás, e esforçou-se para manter a compostura.

- Já não sou a rapariga inocente e crédula de há cinco anos, Damion. Portanto, se vieste até aqui pensando que ia abanar a cauda como um cão de colo que te esperava ansioso, estás muito enganado.

O quimono branco justo de Reiko ressaltava os seus seios voluptuosos, a cintura estreita e as curvas das suas ancas. Usava o cabelo de um modo diferente de como Damion recordava, com uma franja espessa que lhe caía sobre a têmpora, tapando-lhe parte do lado direito da cara, enquanto o resto da cabeleira escura lhe caía sobre as costas como um manto de veludo.

Ficou a olhar para o seu rosto, mais maquilhado do que antigamente, com uma mistura de surpresa e incredulidade. Baixou o olhar para a sua boca, para o

pequeno sinal sobre o lábio superior. Não sabia se queria beijá-la ou agarrá-la pelos ombros e abaná-la.

A Reiko que conhecera cinco anos antes teria advertido o efeito que estava a ter nele naquele momento. Ter-lhe-ia dirigido um sorriso sedutor e desavergonhado, e teria começado a tentá-lo com o seu corpo, com a absoluta confiança em si mesma de qual seria o resultado.

Aquela Reiko, no entanto, ficou a olhá-lo com frieza, com um olhar hostil, como se estivesse a contar os minutos que faltavam para que se fosse embora e o perdesse de vista.

A Damion surpreendeu-o a sensação de vazio que lhe provocou aquele olhar.

- Nunca te compararia a um cão de colo, mas a um felino de excepcional astúcia. E sabendo o que sei dos negócios obscuros que fazes para vender e conseguir obras de arte, suspeito que seja uma qualidade muito útil na tua profissão.

- O meu trabalho não tem nada de desonesto.

- Ah, não? E o que me dizes da tua inclinação a comercializar obras de arte roubadas? Obras de arte que desaparecem antes que notifiquem a polícia do seu paradeiro?

Reiko franziu o nariz.

- Não deverias acreditar em tudo o que lês.

- Vais encontrar aqueles quadros para mim - disse-lhe Damion.

Os olhos verdes de Reiko relampejaram.

- Dás-me ordens como se fosse da tua propriedade. E não é assim, portanto, muda essa atitude.

Damion esboçou um leve sorriso.

- Parece-me que há uma coisa que não compreendes, *ma belle* - disse-lhe, suavizando o seu tom. - Dá-me a impressão de que achas que estás em posição de negociar comigo. Pois fica sabendo que ou me ajudas a encontrar os quadros, ou entregarei à Interpol uma extensa pasta que tenho sobre ti com muitos dados... interessantes. E deixarei

que sejam eles a decidir o que fazer contigo. Quanto ao dono desta casa...

Reiko empalideceu ligeiramente.

- O que tem Trevor?

- Na semana passada, contactei-o e, apesar de me ter mentido dizendo que desconhecia o teu paradeiro quando estava a esconder-te, estou disposto a deixar passar essa afronta se me ajudares.

- E se não o fizer?

- Posso fazer-lhe a vida muito difícil se não cooperares. E tendo em conta o estado das suas finanças... - encolheu os ombros e deixou a frase no ar.

Reiko empalideceu ainda mais.

- Enfrentar-te-á, ambos o faremos.

- Ah, sim? E como, pode saber-se? Está arruinado e tu liquidaste recentemente noventa por cento dos teus ativos. Não sei porquê, mas suponho que seja uma questão de tempo que descubra o motivo.

- Como sabes que...? - fazendo um esforço para controlar as suas emoções, Reiko deu um passo atrás e disse-lhe: - Não imaginava que fosses capaz de recorrer à chantagem para conseguir os teus propósitos.

- E eu jamais pensei que fosses capaz de estar com outro apenas três semanas depois de abandonares a minha cama. Deixemo-lo em que os dois nos sentimos profundamente dececionados um com o outro, *chérie*, e vamos ao que interessa - disse-lhe com tom gélido. - E para que vejas que sou generoso, até te pagarei bem: dois milhões de dólares por encontrares os dois quadros - Reiko ficou boquiaberta perante aquela quantia e um sorriso zombador aflorou aos lábios dele. - Imaginava que com isso despertaria o teu interesse. Ouve os teus instintos: aceita o acordo que estou a propor-te.

Damion estava a pô-la entre a espada e a parede: podia recusar-se ou podia aceitar o dinheiro. Com todo aquele

dinheiro poderia fazer muitas coisas, mudar a vida de muitas pessoas.

- Fá-lo-ei pelos dois milhões, mas quero outra coisa.

Damion olhou para ela com desprezo.

- Era de esperar. O que queres?

- Que me convides para a tua exposição privada.

- *Non* - recusou-se imediatamente.

Reiko apertou os lábios.

- De modo que o meu talento é suficientemente bom para procurar os quadros, mas não para me dar com a gente do teu círculo, não é assim?

- Exato - respondeu ele, sem pestanejar.

Reiko deixou passar aquele insulto. Enquanto Damion se deixasse enganar, como o resto da gente, não veria as suas cicatrizes, não veria a dor que havia na sua alma, o medo constante, a escuridão contra a qual batalhava todos os dias e que se esforçava para ocultar.

- Se queres que encontre depressa os quadros, não deverias negar-me o que estou a pedir-te.

Aquilo também lhe daria oportunidade de encontrar a última estátua japonesa de jade que estivera a tentar recuperar. As investigações que fizera naquela semana apontavam para um político francês eminente que assistiria à exposição privada de Damion.

Como ele se manteve impassível, mudou de tática.

- A tua lista de convidados para essa exposição é o sonho de qualquer entendido em Arte. Duvido que tenha outra oportunidade como essa de me misturar com gente tão influente nesse mundo ou de ver a famosa coleção *Ingénue* de Saint Valoire.

- Eu não descreveria como um sonho ter-te na minha exposição. De facto, diria que seria um pesadelo.

Apesar de saber que não acreditaria, Reiko disse-lhe:

- Não sou uma ladra. Convida-me para a tua exposição privada. Quem sabe? Talvez aprenda alguma coisa com os

teus convidados seletos e me transforme numa cidadã modelo.

Damion semicerrou os olhos e Reiko conteve o fôlego ao mesmo tempo que mordida a língua para não dizer mais nada. Às vezes, o silêncio era a melhor arma.

- É-me indiferente. Tens de me dar a tua palavra de que usarás todos os meios ao teu alcance para encontrar os quadros.

A expressão grave e o tom quase arrasado de Damion fizeram com que Reiko levantasse a vista para ele. Viu nos seus olhos uma emoção a que não soube dar nome e por um instante quase esqueceu tudo o que sabia sobre aquele homem e esteve prestes a acreditar que aqueles quadros significavam realmente algo para ele. No entanto, isso era impossível. Damion Fortier era um canalha sem coração, o que não lhe desse dinheiro não passava de sentimentalismo, de problemas.

A sua linhagem podia ser do sangue mais puro, mas ele era um canalha que nos últimos cinco anos deixara uma série de corações partidos à sua passagem e que pagava pelo silêncio daquelas mulheres despeitadas com um presente de despedida muito caro. E quanto à sua relação com Isadora Baptiste, com quem estivera um ano inteiro...

- Porque estás tão interessado nesses quadros? - perguntou-lhe. Durante alguns minutos, ele permaneceu calado e Reiko pensou que não ia responder. Uma expressão de dor apareceu no seu olhar e ela ficou sem fôlego ao vê-la. A dor era uma emoção com que estava familiarizada, tal como a culpa. De repente, assolou-a a necessidade de saber e, com o coração disparado, perguntou-lhe novamente: - Porquê, Damion?

- Quero... Preciso de os recuperar. O meu avô está a morrer. Os médicos deram-lhe menos de dois meses de vida. Tenho de encontrar os quadros, estou a fazer isto por ele.

Capítulo 2

Apesar do mal que Sylvain Fortier, o avô de Damion, fizera indiretamente ao seu, Reiko sentiu um nó na garganta ao notar a dor nas palavras de Damion. Engoliu em seco e, embora tentasse lutar contra o impulso de lhe oferecer consolo, as palavras abandonaram os seus lábios antes que pudesse pará-las.

- Lamento que... - ficou calada. O que podia dizer numa situação como aquela?

Quando Sylvain Fortier entrara em contacto com ela há quatro anos para que negociasse a venda daqueles quadros, soubera o que significavam para ele porque o seu próprio avô lhe tinha contado a história que havia por detrás deles. O seu primeiro impulso fora rejeitar o trabalho, mas quisera convencer-se de que tinha superado a traição de Damion, de que aquilo era apenas um trabalho. No entanto, naquele momento, olhando para Damion, perguntou-se se não teria procurado ela mesma aquilo sem o pretender. Não queria nem pensar em como reagiria quando descobrisse o que fizera com um dos quadros.

- Damion, tenho de...

Reiko ouviu passos e o coração deu-lhe um salto. Segundos depois, Trevor entrava no salão.

- Querida, o que se passa? Achava ter ouvido os convidados a irem-se embora há... - ao ver Damion, Trevor parou e tirou as mãos dos bolsos do roupão. - O que fazes aqui, Fortier? - perguntou-lhe, apertando os punhos.

Damion olhou para ele com altivez.

- Isto não tem a ver contigo, Ashton. E da próxima vez pensa melhor antes de me mentires.

- Deverias ter-me avisado assim que chegou - disse Trevor a Reiko. - Depois do que te fez...

- Não queria preocupar-te - interrompeu-o ela, dirigindo-se para ele.

Sabia que estava a tentar protegê-la. Continuava a exercer o seu papel de tutor embora lhe tivesse dito muitas vezes que com vinte e sete anos sabia cuidar de si mesma. No entanto, compreendia que, sabendo pelo que tinha passado, continuasse a comportar-se daquele modo protetor com ela.

- Está tudo sob controlo, a sério - disse-lhe, pondo-lhe uma mão no braço.

Ao ver aquele gesto, as feições de Damion contraíram-se.

- Esta é uma conversa privada, Ashton, e interrompeste-nos.

Trevor deu um passo em frente, mas Reiko agarrou-o pelo braço para o parar e disse-lhe com um suspiro:

- Deixa estar, Trevor, ir-se-á embora em breve - como temia que Trevor revelasse algo a Damion, tirou-o do salão.

- Vamos, eu ajudo-te a subir as escadas - disse-lhe.

Damion seguiu-os e, quando estavam a subir o primeiro degrau, Reiko viu-o a tirar o telemóvel do bolso.

- Deveria perguntar a quem vais telefonar? Talvez ao teu verdugo particular? Vais mandar cortar-nos a cabeça?

Apesar do seu tom sarcástico, a Damion não passou despercebida a preocupação no seu olhar.

- Ia pedir que te enviassem uma lista dos meus convidados para a exposição, mas, se preferires, posso preparar a guilhotina - respondeu ele, arqueando os sobrolhos.

Damion viu como as feições de Reiko relaxavam de alívio antes que pudesse disfarçá-lo. No entanto, a rapidez com que recuperou a compostura surpreendeu-o. A Reiko que ele conhecia era sempre como um livro aberto, despreocupada... Correção: a Reiko que tinha acreditado conhecer.

Apertou os dentes ao ver Ashton a apoiar-se nela para continuar a subir. Pela familiaridade que parecia haver entre eles, era óbvio que havia algo entre os dois.

Ele não era dos homens que precisavam de ter uma mulher ao seu lado, mas naquele momento teve de admitir que não gostava que o ignorassem. De facto, detestava-o. Queria gritar para que Reiko deixasse de prestar atenção àquele tipo, mas em vez disso cerrou os dentes e seguiu-os com o olhar enquanto subiam para o andar de cima até desaparecerem.

Passou vários minutos à espera e passou uma mão pelo cabelo, impaciente. Quando já estava a considerar subir, Reiko reapareceu sozinha no patamar superior.

- E agora? - perguntou-lhe Reiko.

- Desce.

Damion enfiou as mãos nos bolsos. Reiko estava só a alguns degraus do patamar inferior quando se apercebeu de que estava descalça. As unhas dos seus pés pequenos e delicados, pintadas de cor de pêssego, chocavam com a maquilhagem carregada que usava.

- Andas a dormir com Ashton?

A pergunta tinha-lhe escapado antes que pudesse travá-la. Ela olhou surpreendida para ele e o ar pareceu carregar-se de eletricidade estática.

- Isso não te diz respeito.

- Não quero que interfira quando começar a procurar os quadros.

- Não o fará - replicou ela, descendo os últimos degraus.

- Muito bem. Dá-me o teu número de telemóvel.

- Porquê?

- Para que possa enviar-te a lista com os nomes dos convidados que irão à minha exposição. E prepara-te para ir a Paris comigo quando voltar amanhã.

- Não te preocupa que me esfume assim que saias pela porta? - disse-lhe ela, zombadora.

- Não, porque me revelaste outro ponto fraco que tens.